

Organizadores do volume
Maria Aparecida Fontes
Shirley de Souza Gomes Carreira
Paulo Cesar Silva de Oliveira

Organizadores da coleção
Leonardo Mendes
Maria Cristina Ribas
Andréa Rodrigues
Norma Lima

POÉTICAS EM TRÂNSITO

Coleção
PPLIN PRESENTE

vol. 2

 **CAPES**



 **PPLIN** | PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS E LINGUÍSTICA

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Maria Aparecida Fontes
Shirley de Souza Gomes Carreira
Paulo Cesar Silva de Oliveira
(Organizadores)

POÉTICAS EM TRÂNSITO

Coleção PPLIN PRESENTE
Volume 2

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2022

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Imagem de Capa: lesyaskripak/Freepik.com
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

P743

Poéticas em trânsito / Maria Aparecida Fontes, Shirley de Souza Gomes Carreira e Paulo Cesar Silva de Oliveira (organizadores) – Curitiba : CRV, 2022.
312 p. (Coleção PPLIN PRESENTE, v. 2)

Bibliografia

ISBN Coleção Digital 978-65-251-2350-9
ISBN Volume Digital 978-65-251-2644-9
DOI 10.24824/978652512644.9

1. Literatura 2. Diversidade 3. Gênero 4. Imigração 5. Hibridismo – Etnicidade. I. Fontes, Maria Aparecida. org. II. Carreira, Shirley de Souza Gomes. org. III. Oliveira, Paulo Cesar Silva de. org. IV. Título V. Coleção PPLIN PRESENTE, v. 2

2022- 27195

CDD B869
CDU 821

Índice para catálogo sistemático
1. Literatura Brasileira – B869



2022

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV
Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: sac@editoracriv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracriv.com.br

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Conselho Editorial: Comitê Científico:

- Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Domínguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer . Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elíone Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élseo José Corá (UFFS)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)
- Afonso Cláudio Figueiredo (UFRJ)
Andre Acastro Egg (UNESPAR)
Andrea Aparecida Cavinato (USP)
Atilio Butturi (UFSC)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)
Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Deneval Siqueira de Azevedo Filho (Fairfield
University, FU, Estados Unidos)
Jane Borges (UFSCAR)
Janina Moquillaza Sanchez (UNICHRISTUS)
João Carlos de Souza Ribeiro (UFAC)
Joezer de Souza Mendonça (PUC-PR)
José Davison (IFPE)
José Nunes Fernandes (UNIRIO)
Luís Rodolfo Cabral (IFMA)
Patrícia Araújo Vieira (UFC)
Rafael Mario Iorio Filho (ESTÁCIO/RJ)
Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF)
Zenaide Dias Teixeira (UEG)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.



Coleção PPLIN PRESENTE

Tempos passados à distância, planeta em transe, corpos e mentes em choque, sensibilidades atordoadas. Entre telas e janelas, como tocar, abraçar, chegar ao outro? Qual é o papel da Universidade e das Letras no meio dessa balbúrdia?

Estendemos o olhar para além dos muros acadêmicos, no intuito de compartilhar saberes, pesquisas, experiências, acolher novos olhares, perguntas, corpora, silêncios, dizeres e reflexões, em espaços e temporalidades múltiplas.

Nesse espírito, apresentamos a Coleção de livros eletrônicos produzida Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, campus de São Gonçalo, com a participação de docentes e discentes, em parceria com pesquisadores nacionais e internacionais. Pesquisa de ponta produzida por um jovem Programa de Pós-graduação situado no Leste fluminense.

Chamamos a Coleção PPLIN PRESENTE, para marcar a presença do Programa como polo produtor de inovação e conhecimento nas áreas de Estudos Linguísticos e Estudos Literários, e, ao mesmo tempo, assinalar o engajamento das pesquisas aqui compartilhadas com as demandas e os desafios do tempo presente.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Filho

*Ô meu menino
Será esse o destino
Viajar em seu navio
Pelos mares, pelos rios
Andar só*

*Ô meu viking
Será esse o caminho
Navegar assim sozinho
Sem alguém que nos espere
No cais*

*Toda vida existe pra iluminar
O caminho de outras vidas
Que a gente encontrar
Homem algum será deserto ou ilha
Como não pode o rio negar o mar*

*Seja lá em qualquer norte ou no sul
Seja lá na Dinamarca ou aqui
Sonho sonho solidário
Faz crescer o amor diário
Faz amigo em cada rua
Ou bar*

*Abre as portas do navio
Beba o mar e beba o rio
Viva a vida e viva o tempo
De amar*

(Milton Nascimento/Fernando Brandt)

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	13
ODEPÓRICA MIGRANTE, LITERATURA DE VIAGEM ATÉ O BRASIL, ENTRE RELATOS DA MEMÓRIA, NARRATIVA E POESIA.....	19
<i>Alberto Sismondini</i>	
A TRAVESSIA LÍRICA ENLUTADA PELO DESERTO DE CIUDAD JUÁREZ	35
<i>Carlos Magno Gomes</i>	
IDENTIDADE POLÍTICA, TRÂNSITO E RESISTÊNCIA EM TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR.....	49
<i>Daniela Birman</i>	
MEMÓRIAS DE UM MIGRANTE: as vicissitudes da migração em <i>Pelo fundo da agulha</i> , de Antônio Torres.....	63
<i>Gínia Maria Gomes</i>	
DIÁSPORAS E SILÊNCIOS: pornografia e <i>Shoah</i>	81
<i>Jacques Fux</i>	
NOVAS ESCRITAS DA MIGRÂNCIA.....	103
<i>Leonardo Tonus</i>	
A SUPERAÇÃO DOS ASPECTOS AMARGOS DA MIGRAÇÃO NA TRAJETÓRIA DA PROTAGONISTA DE <i>A DOÇURA DO MUNDO</i> , DE THRITY UMRIGAR	117
<i>Luiz Manoel da Silva Oliveira</i>	
OLHARES E REFLEXÕES: trânsitos afrodiaspóricos	139
<i>Maria Aparecida Andrade Salgueiro</i>	
“O PODER DA IMAGINAÇÃO TRABALHA COM GOSTO SOBRE TODAS AS CORDAS DO VIOLINO”: memória e migração judaica na ficção brasileira	157
<i>Maria Aparecida Fontes</i>	
A “CIDADANIA DOS MORTOS” NA LISBOA PÓS-IMPERIAL: reflexões em torno de <i>Luanda, Lisboa, Paraíso e Maremoto</i>	181
<i>Patrícia Martinho Ferreira</i>	

INDIVÍDUOS ENTRE TRÂNSITO E REPRODUÇÃO	201
<i>Rogério Lima</i>	
<i>Amandine Molin</i>	
MIGRAÇÃO E ACULTURAÇÃO NA FICÇÃO DE CHIMAMANDA ADICHIE E NOVIOLET BULAWAYO.....	217
<i>Shirley de Souza Gomes Carreira</i>	
<i>Paulo Cesar Silva de Oliveira</i>	
DO NAVIO-TÚMULO AO NOME-ESCUDO: uma leitura de <i>Por cima do mar</i> , de Deborah Dornellas	231
<i>Stefania Chiarelli</i>	
O DENTRO E O FORA DE UM VIVER ENTRE FRONTEIRAS.....	241
<i>Vera Lúcia de Oliveira</i>	
TEXTO TESTEMUNHO EM DOBLE REGISTRO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DECOLONIAL INTERCULTURAL NO TRÂNSITO ENTRE A CULTURA MAPUCHE E A CHILENA	255
<i>Ximena Antonia Díaz Merino</i>	
AL-ANDALUS IN BRAZIL	277
<i>Wail S. Hassan</i>	
ÍNDICE REMISSIVO.....	297
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	303
SOBRE OS AUTORES	305

Odepórica migrante, literatura de viagem até o Brasil, entre relatos da memória, narrativa e poesia

Alberto Sismondini

Centro de Literatura Portuguesa / Universidade de Coimbra

A migração é uma prática humana milenar que abarca, no pensamento da comparatista ítalo-alemã Nora Moll, duas das etapas também típicas da viagem, nomeadamente a partida e o trajeto, geralmente marcado pela experiência da alteridade; a migração é, portanto, considerada “uma viagem de cabeça para baixo” : pois carece da última etapa de uma comum deslocação, isto é, o regresso (MOLL, 2015, p. 74). Esta observação bem corresponde à experiência vivida por milhares de imigrantes procedentes do Levante mediterrânico, quando o seu passaporte era turco, pois os atuais Líbano e Síria ainda eram territórios do império otomano. Utilizando excertos de autênticos relatos da migração ao lado de partes de ficções que utilizam a experiência diaspórica como recurso narrativo, vamos delinear este fenómeno marcante para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Parafraseando Jorge Amado, é por volta da década de oitenta do século XIX que os “turcos” descobrem as Américas. Naquela época, os recenseamentos não faziam distinção entre libaneses e sírios e, por isso, eram todos considerados súditos da Sublime Porta. A demanda de imigrados correspondia à necessidade de mão de obra para o país que, em consequência da abolição da escravidão (no Brasil tornou-se lei somente em 1888), não podia mais utilizar a força de trabalho sobre a qual o país tinha alicerçado a sua economia desde as origens. Esse movimento de migração cresce a partir do começo da primeira guerra mundial e, em seguida, diminui devido à crise econômica e à política das cotas de imigrantes adotada na América do Norte. Somente no segundo pós-guerra registra-se a retomada do fluxo migratório em direção aos Estados Unidos, Chile, Argentina e Brasil. Residindo em grandes centros urbanos como Nova Iorque e Detroit, nos Estados Unidos, ou nas grandes capitais sul-americanas, esses “novos cidadãos” pertencem, em sua maioria, ao grupo confessional cristão e se inserem na classe dos comerciantes. Deixam o Oriente Próximo por razões semelhantes, dentre as quais se destacam uma produção agrícola sujeita a uma grande concorrência externa e insuficiente para sustentar a população que não para de crescer, a obrigação por parte dos cristãos de se alistar na armada turca e as feridas não cicatrizadas de conflitos interétnicos acontecidos por volta de 1860. Os relatos de viagem dos primeiros emigrantes são constituídos pelas cartas enviadas aos parentes que

ficaram nas terras de origem. O tom fabulístico com que é idealizada uma riqueza fácil no novo mundo, comprovada pelas boas remessas de dinheiro, representa o melhor incentivo para novos emigrantes potenciais. Um testemunho, cujo estilo não difere muito daquele de um trecho de *As Mil e uma Noites*, relata o seguinte:

O sapateiro Faddoud Mitri Bechara de Choueir, tendo imigrado para o Brasil aproximadamente em 1887, conseguiu após dois anos como caixeiro-viajante enviar a seu pai a soma de cinquenta libras esterlinas de ouro. Isso provocou um grande fausto; ele comprou um chirwal de tecido, um casaco de belo corte e um xale de cachemir e se pôs a desfilar pela aldeia, a qual ficou tão abalada que oitenta de seus habitantes embarcaram juntos para o Brasil no mesmo ano (NUNES, 2000, p. 36).

O próprio Salim Miguel evoca o palpito em sair do país dos seus progenitores, no livro *Nur na escuridão*:

A vida, que não era fácil, a cada dia se torna mais difícil. Insofrido, Youssef pula de emprego para emprego, sem se fixar, desentende-se com patrões, não aceita imposição, sem conseguir substancial melhora. Tamina ajuda no que pode. Em vão [...] Uma ideia vai-se insinuando, surge, toma vulto. transmite-a ao marido: Youssef reluta em aceitá-la. Ela não desiste. Tem irmãos nos Estados Unidos, já se comunicou com eles. Se a situação lá não é excelente, é boa, prometem ajudá-los (MIGUEL, 1999, p. 46).

Essa vontade tornou-se vítima fácil das atividades enganosas de traficantes que ofereciam facilidades para eludir os demorados trâmites burocráticos necessários para a obtenção da autorização das autoridades locais, o transporte da cidade de origem até o porto de embarque, a hospedagem nos dias da espera do navio, os guias, os barcos e os remadores para chegar, de noite, até os navios fundeados que contrabandeavam os emigrantes, nas barbas dos funcionários otomanos. O mercado negro dos passaportes e do dinheiro prosperou, e a luta das autoridades locais contra esse tipo de tráfico provocava, muitas vezes, o fim da viagem, antes mesmo que começasse, em alguma prisão turca.

No mesmo navio zarpado de Beirute em direção à Europa, primeira etapa do êxodo, encontravam-se agricultores sem terra, comerciantes ou artesãos arruinados, estudantes, intelectuais e políticos desacreditados. Geralmente, as rotas seguiam um itinerário que passava pelos portos de Haifa, Porto Said, Alexandria, Messina, Nápoles, Gênova ou Marselha. Em alguns casos, tocava também os portos atlânticos franceses ou britânicos. A parada nos portos europeus encerrava a primeira etapa de uma viagem longa e sujeita a imprevistos, sendo o mais frequente a perda da conexão prevista para o porto do destino. O tempo de espera para um novo embarque, calculado em poucos dias antes

da partida, podia durar semanas ou até meses, sendo condicionado por outros fatores, como os pedidos de novos vistos de entrada nos países do destino ou as doenças. Esse fato afetava gravemente as finanças do emigrante. Nas localidades de maior movimento como Atenas, Nápoles, Génova e Marselha, empresários do Levante colocavam à disposição de seus conterrâneos uma rede de serviços, como também os ajudavam na resolução dos trâmites burocráticos ou na remessa de cartas ou telegramas. Os emigrantes, geralmente incapazes de falar as línguas estrangeiras, dependiam totalmente desse tipo de ajuda, que pagavam a um preço muito alto. Um testemunho ilustra essa situação:

Quarta-feira, 11 de dezembro de 1912, chegamos depois de dez dias de viagem de Beirute até Génova. Contávamos certo prosseguir viagem no mesmo dia, pelo navio Mafalda, que devia, como fomos informados, estar no porto de Génova, pronto para seguir viagem para o Brasil. Por azar o Mafalda tinha zarpado poucas horas antes donosso navio chegar ao porto. Na cidade procuramos lugar no hotel Ligurio e pagamos 7,50 francos por dia, por pessoa, cama e comida.

Foi um transtorno lamentável a saída do navio Mafalda, poucas horas antes da nossa chegada a Génova. O embaraço sério é que nos ia faltar dinheiro para prosseguirmos em viagem em segunda classe, pois durante a nossa permanência em Génova, do dia 11 a 25 de dezembro, seria consumida a reserva de dinheiro, por um atraso com que não contávamos. Para viajar de terceira classe, tínhamos o suficiente, mas não nos convinha viajar com gado e em promiscuidade (NUNES, 2000, p. 38).

Também a ficção de Salim Miguel relata um percalço similar, ocorrido em Marselha, onde até o itinerário da viagem, rumo ao México, para entrar de forma ilegal nos Estados Unidos, será alterado e o Brasil será o país em que os viajantes aportam:

Até Alexandria a viagem transcorreu tranqüila. Mas os contratempos da viagem não haviam terminado. Ao chegarem ao porto de Marselha desembarcam, são levados ao hotel da companhia de navegação. E aí a indesejada surpresa, ao ouvirem do gerente, um árabe da cidade de Jbeil [...] O navio que vai para a América do Sul, saiu há apenas duas horas (MIGUEL, 1999, p. 59-60).

A viagem finalmente continuava, passando pelo estreito de Gibraltar, fazendo uma parada em Casablanca ou nas Ilhas Canárias, para tocar, posteriormente, Dakar e chegar ao Brasil. A promiscuidade e a falta de higiene entre os passageiros favoreciam o aparecimento de infecções virais que, em alguns casos, provocavam a morte dos passageiros ou podiam prejudicar sua entrada no novo país. O trauma revelou-se um verdadeiro flagelo porque o Serviço de Imigração do Brasil

o considerava extremamente perigoso. Os portadores desse vírus eram colocados em quarentena, separados do seu núcleo familiar e, eventualmente, repatriados, com consequências traumáticas para as famílias, como no seguinte relato:

Meu pai ficou retido na ilha das Flores por seis meses, pois estava com tracoma; eu e meus primos lutamos e imploramos às autoridades brasileiras para que ele desembarcasse, mas não conseguimos. O governo de Washington Luís pagou a sua passagem de volta ao Líbano e nunca mais o vimos (NUNES, 2000, p. 41).

Também pela ficção de Salim Miguel, a questão de gozar de plena saúde à chegada, nas Américas, torna-se um assunto primordial: uma inflamação aos olhos do tio Hanna, ele também agregado à família do autor, trava o embarque do grupo a bordo do navio rumo à sua própria Canaã:

O navio parte, deixando a família em Marselha. evaporava-se o sonho da América do Norte. Diante da insistência da mãe junto às autoridades, a resposta era a mesma: lamentavam, até compreendiam o drama que o transtorno provocara, mas era lei. Poderiam prosseguir a viagem, sem o irmão dela, sem o Hanna. A inflamação dos olhos um impeditivo, não se cansavam de repetir; é a lei, eram eles e não eram eles, o serviço de vigilância portuário atento, taxativo, sem a cura completa não tinham (melhor, ele não tinha) como sair dali (MIGUEL, 1999, p. 62-63).

Os portos de chegada no Brasil eram, geralmente, Rio de Janeiro, Santos (porto de acesso a São Paulo), Salvador (a Bahia de Jorge Amado), Belém, acesso marítimo da Amazônia, além de São Luís do Maranhão e Vitória. Como acontecia nos Estados Unidos, também no Brasil, para esses novos imigrados, foram criadas hospedarias de permanência temporária; as maiores eram a da capital, Rio de Janeiro, e a de São Paulo. Esses lugares tornavam-se, inclusive, centros de recrutamento de mão de obra para as plantações de café dos Estados de São Paulo e do Paraná, de cacau da Bahia e de algodão do Nordeste, para as fazendas de gado do Rio Grande do Sul, para a indústria extrativa de Minas Gerais e também para a extração da borracha na Amazônia.

O primeiro contato significativo com a nova realidade era representado pelo registro dos dados pessoais, que, muitas vezes, era feito de maneira errada, sem correspondência com os nomes originais. A essa violência onomástica, gerada pela dificuldade de compreensão (o funcionário não sabia o árabe e o imigrado não sabia o português), juntava-se o desejo, por parte do estrangeiro, de ser aceito pela sociedade hospedeira; por isso, a simplificação do nome era um sacrifício aceito em prol de uma integração mais fácil. Por exemplo, o nome “Ahmad” tornou-se “Armando”, “Abdu-l-Rahman” tornou-se “Hermenegildo”, “Khadjá”

transformou-se em “Carla” e “Admà” em “Edna”. Alguns sobrenomes foram traduzidos: “Haddad” tornou-se “Ferreira”, “Habib” tornou-se “Amado”, “Harb” transformou-se em “Guerra”. Salim Miguel cita esse fenômeno no romance breve *Nur na escuridão*:

[...] E tu Yussef (o José, dependendo do perguntador, curioso por saber mais, quem sabe seriam parentes), de que família és, ah sim os Jahnahr, sim, mas me conta patrício [...] como foi que acabaste vindo parar no Brasil e virando Miguel, se... e o pai, de verdade nem sei, para o Brasil sim, houve o imprevisto em Trípoli, a demora em Marselha [...] Agora do nome, não, não sei explicar, talvez pelo passaporte francês, talvez a dificuldade na pronúncia em Português do sobrenome, logo que cheguei ao Brasil virei Miguel, mais rápido do que José ou “seu Zé gringo”, durante um bom tempo um estranho Yussef [...] aqui no Brasil acaba-se é abandonando os nomes mais complicados e prenome vira sobrenome (MIGUEL, 1999, p. 21).

Diferentemente de muitos emigrantes europeus que se transferiram para o Brasil graças a acordos entre Estados ou à iniciativa de agências consulares, para os libaneses a emigração era o resultado de uma corrente de solidariedade que tinha como ponto de referência a família. Ao deixar seu país, o emigrante contava somente consigo próprio ou com o apoio financeiro de parentes já residentes nos lugares de chegada; esses familiares providenciavam a remessa de dinheiro, caso alguns imprevistos dificultassem a viagem oceânica. Não sendo recrutados nas suas terras de origem, os sírio-libaneses recém-chegados acabavam apoiando-se nos compatriotas residentes há tempo no país, estabelecendo-se, geralmente, nos espaços urbanos. Tratando-se de jovens com poucos capitais, sem formação profissional e com escasso conhecimento da língua portuguesa, mas com a ambição de ganhar dinheiro, a primeira atividade desenvolvida no país era a de vendedores ambulantes, que, inicialmente, trabalhavam nos grandes centros urbanos, mas que, posteriormente, se deslocaram em direção ao interior, como bandeirantes, os exploradores-guerreiros da época colonial, mas pacíficos. Surgiu, então, uma nova palavra naquela língua criativa que é o português do Brasil, mascate, numa referência remota a Mascate, a capital do Omã, para designar uma profissão importante para as cidades, mas, sobretudo, para o ambiente rural. Nas fazendas, os mascates, com sua disponibilidade para as trocas de objetos e a venda no fiado, representavam a única alternativa ao armazém do fazendeiro. O costume de negociar propiciou a muitos deles alcançarem certo bem-estar e se tornarem varejistas, atacadistas e, mais tarde, até empresários, capazes de diversificar o lucro do comércio em atividades como a construção civil, a indústria e outros setores produtivos.

A jornada de um vendedor ambulante era extremamente dura, conforme a descrição dada por Salim Miguel:

Os primeiros dias são de aprendizado. Não demora, trouxa ao ombro, de ônibus ou a pé, só ou acompanhado de um patrício, poucas palavras de um português macarrônico, desde que pudesse se fazer entendido e vender seus produtos lá ia o pai em busca de algum lucro, de experiência, de recurso para continuar investindo. As compras são feitas em empórios de patrícios, em consignação, para pagamento posterior, quando fosse possível, passados dias, semanas, o pai logo desiludido, cansado das caminhadas, do nenhum resultado prático, da poeira que solerte se infiltra por todo o corpo (MIGUEL, 1999, p. 82).

O grupo étnico árabe foi incluído na “Questão Imigratória”, um debate que teve grande importância na vida política do Brasil, envolvendo intelectuais e políticos. Surgido com a abolição da escravidão, esse grupo desenvolveu-se a partir da constatação de que as elites estimulavam o acesso de imigrados “desejados” e impediam a entrada de imigrantes provenientes da África e da Ásia. Esperava-se, em outras palavras, que, com a contribuição da mão de obra europeia, o povo brasileiro “branqueasse”. O tema da superioridade da raça branca e do almejado “branqueamento” era aceito favoravelmente também por especialistas, que expressavam conceitos como o seguinte, publicado no *Diccionario historico, geographico e ethnographico do Brasil*, publicado a partir de 1922 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e citado pela investigadora Heliane Prudente Nunes:

Essa involução africanizante é conseqüência da entrada de 100.000 imigrantes da melhor raça ariana, que aqui chagam anualmente, e se misturam com a alta fecundidade da população branca nativa [...] O que se conclui desses fatos e dados é que a quantidade de sangue ariano está aumentando rapidamente no nosso povo (NUNES, 2000, 145).

Se o ideal de uma nação branca se concretizava, na prática, por meio da prioridade dada a determinados grupos étnicos, por volta de 1930 a noção de “branco” é restrita aos europeus, agricultores e cristãos. Embora 95% deles pertencessem às confissões melquita, maronita e greco-ortodoxa, os sírio-libaneses não eram considerados brancos, com o agravante de serem comerciantes e, portanto, de pertencerem ao setor terciário que, naquela época, era considerado supérfluo. As crises econômicas que se alternaram aos períodos de maior florescimento, no decorrer do século XX, ensinaram aos imigrantes o quanto era triste o fardo do prejuízo e do estereótipo. O levantino espertalhão e enganador tornou-se logo protagonista de uma série de historietas irônicas, como a seguinte, de presumível origem argentina:

Chistes Dos Turcos hablando

Un turco le dice al otro: Compadre, nos acaban de robar el negocio.

¿Y qué se robaron?

¡Tu parte!¹

1 Disponível em <https://mejoreschistes cortos.com/?s=turco>. Acesso em: 10 out. 2021.

A intolerância e a xenofobia apareciam num aviso frequente no Estado de Goiás, no qual, num tom meio sério meio brincalhão, um matador informava que se encarregaria de matar com “habilidade e discrição” qualquer um, a preços diferentes: brasileiros, quinhentos mil-réis, estrangeiros, trezentos mil-réis e turcos, grátis. (NUNES, 2000, p. 147). A predileção dos sírio-libaneses pelas atividades comerciais e o descaso pela atividade agrícola não eram vistos com bons olhos num país que precisava de lavradores, especialmente nas terras do café e do cacau, de forma que a sua presença econômica, capaz de adquirir uma espécie de monopólio e assim prejudicar a atividade dos comerciantes brasileiros, era vista de maneira negativa. Em 1930, o representante comercial brasileiro no Egito comentava com o ministro brasileiro do Exterior, Octávio Mangabeira, que “a cada ano, infelizmente, a imigração de Sírios e Judeus no Brasil aumenta e devemos ter a coragem de dizer que estamos povoando o Brasil e formando uma raça com o que há de mais repugnante no universo” (NUNES, 2000, p. 146).

Apesar desses excessos, que aconteciam em todos os países americanos que recebiam imigrantes, foi possível a integração, mesmo a custo de mutilações onomásticas, de tradições familiares solapadas, da substituição da língua árabe pela portuguesa nas liturgias orientais e no seio das famílias. Salim Miguel evoca as chamadas de atenção e o seu próprio desconforto por não conseguir comunicar em árabe com os patrícios libaneses, ao acompanhar o pai à missa ortodoxa da igreja localizada na Avenida Gomes Freire, no Rio de Janeiro:

O filho assiste às conversas, tem interesse em saber mais, embora se sinta constrangido quando reclamam, então veio do Líbano. começou aprendendo árabe e agora não entende uma frase do idioma de seus antepassados, hein, *sadig*, amigo, onde já se viu, ao que não sabe responder, mais ainda quando insistem, vamos *habib*, impossível que tenha esquecido, o que a gente aprende quando criança permanece lá no fundo de nós... (MIGUEL, 1999, p. 21).

As redações espontâneas inerentes à odepórica do Mar do Levante estão estreitamente relacionadas com a expressão oral e apresentam algumas peculiaridades: no Brasil, centenas de testemunhos foram coletados pelo Memorial do Imigrante de São Paulo, espaço que, de hospedaria e posterior centro de triagem dos novos imigrantes desembarcados no porto de Santos, agora é, nos moldes de Ellis Island em Nova Iorque, um arquivo-museu que fala aos brasileiros de suas origens. Na documentação levantada encontram-se formas narrativas cujas características constitutivas textuais estão ligadas à oralidade, de forma que o evento descrito se torna fabuloso e mitopoético. Curiosamente, um texto escrito por Roberto Khatlab, já adido cultural do Brasil em Beirute, docente da Université Saint Esprit de Kaslik, *Mahjar — Saga Libanesa no Brasil*, apresenta-se como um produto singularmente híbrido, pronto a conciliar o aspecto mítico

com a alternância de citações que, de algum modo, carecem de informações com cientificidade garantida, favorecendo conceitos que possam libertar a fantasia do leitor, de um modo que o poderíamos aproximar mais às *Mil e uma Noites* do que a um texto sociológico. Ao esboçar um perfil histórico da presença árabe no Brasil, o aspecto objetivo e estatístico, ligado às ciências exatas, é sacrificado em prol de uma visão subjetiva e apologetica, e a apresentação dos fatos tem um tom fabulístico e imaginativo: o adjetivo “provável” é o mais usado quando se citam assentamentos fenícios no litoral e a suposta influência de línguas semíticas sobre as línguas autóctones, como também quando se introduz a ideia de que os “cristãos do Oriente” sírios faziam parte das tripulações portuguesas que descobriram o Brasil. Sempre segundo essa forma opaca de incerteza, considera-se de origem levantina o comerciante que ofereceu sua fazenda no Rio de Janeiro ao rei de Portugal que estava fugindo de Napoleão. Essa listagem de *mirabilia* prováveis chega ao século XX, citando uma expedição para a selva amazônica que descobre vestígios do acampamento de um vendedor ambulante “turco”, com folhas espalhadas de um jornal escrito em caracteres árabes, publicado no Estado de São Paulo, num lugar em que se pensava que nunca tivesse pisado um ser humano. O tom dessas argumentações não prevê e não pretende dar uma demonstração racional: ao *logos* parece contrapor-se um *mythos* arcaico, que não distingue entre palavra e ser, nem corresponde à maneira como o mundo ocidental adquire, organiza e dissemina o conhecimento. A mitopoesia da emigração, cultivada segundo formas próprias do país de origem, é o fio condutor desse percurso nas experiências culturais dos libaneses do Brasil, o mito da terra de origem e a retomada de imagens lendárias próprias da cultura médio-oriental, que marcam seus atos sociais e poéticos, suspensas entre a herança de um passado milenar e a adaptação a um cenário ambiental totalmente diferente daquele de origem.

Amin Maalouf (2004), nas primeiras páginas de seu romance *Origines*, ao abordar essa problemática, afirma que a temática de sua narrativa, a reconstrução de um episódio de emigração para os Estados Unidos e Cuba na vida de seu avô, é uma tarefa árdua. Para confirmar suas reticências, o autor desmascara a ação de mitificação efetuada pela sua família, uma vez que a volta para casa (que podemos considerar uma derrota) desse parente tinha sido transformada na operação épica de resgate de um irmão preso em Havana. Elevando a sobrenaturais suas qualidades intelectuais, sempre de acordo com o relato da família, o avô Maalouf teria aprendido a língua espanhola durante a viagem do Líbano a Cuba, conseguindo dialogar na língua local com os juizes cubanos de maneira a convencê-los a libertar o irmão preso.

A citação desse episódio tem, sem dúvida, uma função na economia do livro. Não é, porém, apenas um artifício narrativo para criar elos na fabulação, porque tem, com efeito, uma correspondência cultural nos relatos de muitos daqueles que viveram a experiência da emigração.

O aspecto mitopoético perpassa os acontecimentos cotidianos da diáspora de uma população que, desde o início, se distingue pelo número alto de jornais publicados em língua árabe (em 1950 foram registrados 95, começando pelo *Al Fayha*, publicado em Campinas, no Estado de São Paulo, em 1895) e por uma frequência literária tradicional, especialmente poética, que se manifesta na citação de obras antigas e na produção de composições poéticas denominadas *zajal* ou *gazel*, aptas a indicar os momentos fundamentais na vida social de um homem. Com base nessa produção artística tradicional, surgirá uma corrente de renovação na esteira do cenáculo americano de Khalil Gibran, que se tornará um ponto de referência no âmbito da poesia árabe contemporânea.

Seria imprescindível dirigir à cidade de Zahlé, na Bekaa, a pergunta que Fernando Pessoa faz a Filipa de Lencastre em *Mensagem* (PESSOA, 1978, p. 33), dado que, naquela localidade, nascem personalidades que darão uma contribuição significativa à literatura árabe moderna: Said Aql, que irá viver em Beirute, e os irmãos Maluf, que o destino levará para o Brasil. A constatação de que a literatura árabe da emigração, especialmente aquela produzida no Brasil, limitava-se às temáticas da poesia clássica e, muitas vezes, esgotava-se num mero panegírico de personalidades cultuadas pela comunidade, sem contribuições temáticas e rítmicas novas, leva alguns intelectuais a preconizar uma renovação literária. Entre os primeiros versejadores que se aproximam de formas expressivas inovadoras está Fawzi Maluf (1899-1930). Tendo mudado para São Paulo em 1921, dedica-se ao comércio e à poesia, tornando-se um dos maiores poetas de sua geração, graças ao poema *'Ala bisat ar-rih*, (“Sobre o Tapete do Vento”), publicado postumamente e traduzido em diversas línguas. A obra se compõe de quatorze cantos, cada um com dezesseis versos de rima única, sendo que os primeiros dois versos, em forma de prelúdio, têm uma rima diferente daquela que conduz o restante da composição. Do ponto de vista do conteúdo, a retomada de mitos lendários orientais une-se a uma estética surrealista em que o tapete voador se torna instrumento de estranhamento, sujeito ao pessimismo radical de um espírito aprisionado na terra, que almeja a morte precoce como único meio de evasão.

Em 15 de janeiro de 1933, foi criada, em São Paulo, a Liga Andaluza. O nome era inspirado no “patrimônio cultural árabe guardado nas bibliotecas da nação hispânica”, mas o programa dava continuidade aos modelos do projeto elaborado por Ar-Rabita Al-Kalamia, movimento precursor de Gibran. O interesse que inspirou sua criação foi a vontade de emancipar a literatura de formas estilísticas que limitavam a liberdade expressiva, de assumir a função mediadora entre o Oriente árabe e a literatura da diáspora, assim como de tornar acessíveis ao mundo árabe as obras-primas do pensamento ocidental.

Entre os fundadores encontram-se os poetas Rachid Alkhoury, Chafic Maluf, Chicrallahel Jorr, Elias Farhat, junto com outros intelectuais como Akl El Jorr, Naum Labaki, TauficKurban, TauficDuoun, Iskandar Kerbej, Mussa Kuraiem,

(KHATLAB, 2002, p. 62) especialmente atentos à teoria da versificação. Desde 1935, é publicada a revista *Alusbah* que tem ao todo 35 números, oferecendo um compêndio emblemático de toda a produção literária da emigração árabe entre os anos trinta e os anos cinquenta. Os textos publicados nem sempre correspondem ao que tinha sido formulado por Maluf, mas retomam os preceitos formais tradicionais, fontes em que bebem os poetas da emigração, sem inspirar-se em outras tradições. A língua árabe era considerada por muitos “a mãe das línguas que encerra inúmeros tesouros escondidos, língua maleável e criativa, a língua dos habitantes do paraíso” (HABCHI, 2004, p. 97), segundo a definição do *Diwan* de Rachid Salim Al-Khourri, mais conhecido pelo pseudônimo de “poeta rural”, em contraposição ao seu irmão que tinha ficado no Líbano, “o poeta da cidade”. Neste *Diwan* os temas e as imagens tradicionais são mantidos, embora observados do outro lado do oceano, mas, de acordo com o modelo clássico em que se canta a andaluzia Granada, se enxerta a contingência do real vivido pelo poeta, que cita a brasileira Santos.

Tua beleza, ó porto de Santos, me faz estremecer
E desperta a lembrança da minha melancolia esquecida.
Vim procurando apagar minha tristeza
Voltei com tantas tristezas que superam a areia.

Cada vez que vejo um navio partindo
Lembro-me da minha pátria.
O sono tenta invadir meus olhos, repelindo
Pelas ondas das minhas lágrimas atrás da praia das minhas pálpebras
Da atmosfera da terra do Líbano
Tenho saudades, da sua gente, não.
Não sou daqueles que tratam duramente o bem amado.
Mas certo amor vem de forma agressiva.

Altivo, queixo-me porque não admito humilhação
Para a minha gente, nem desprezo para o meu irmão (KHATLAB, 2002, p. 32-33).

Para a maioria desses escritores, fazer poesia corresponde a exorcizar uma nostalgia que surge da separação da terra natal e de um exílio duplo, sentimental e linguístico. Chafic Maluf, de sua parte, além de reafirmar o valor primigênio da autenticidade da inspiração poética, defende uma posição universalista diante da maior parte dos seguidores do movimento, afirmando que a literatura árabe moderna não conseguiria impor-se à literatura universal se seus recursos não fossem valorizados por estilos novos, porém sempre correspondentes ao caráter oriental árabe. Em um escrito, Chafic Maluf aprofunda a ideia de uma renovação da

literatura árabe que não deve criar rupturas, mas estimular o abandono da imitação em favor da invenção, criando expressões que correspondam ao objetivo criador do autor e não somente expressões exigidas pela rima. Seriam conservados o espírito da língua e o repertório consolidado de imagens que distinguem os poetas orientais dos ocidentais. Os exemplos de *Pigmalião* de George Bernard Shaw, de *Antígona* de Jean Anouilh e dos poemas de T. S. Eliot são considerados elementos de uma poética inovadora que utiliza uma simbologia tradicional para ligar-se ao patrimônio do passado. A poesia, porém, deve ser uma expressão por meio da qual o autor descreve aos outros sua interioridade. A obra alinha-se ao espírito criador que olha para as memórias do passado a fim de conseguir os símbolos e a inspiração geradora de novas instâncias criadoras. Furio Jesi afirma que devia existir “inabilidade” para compreender os testemunhos da Antiguidade à luz das novas doutrinas mitológicas e do gosto, nascidas do contraste entre uma cultura saturada de arquétipos clássicos e a invasão da tecnologia, como acontecia desde a segunda metade do século XIX. As formas “monstruosamente exóticas” (JESI, 1968, p. 94) de máquinas inusitadas sugeriam a fuga em direção ao orientalismo receptor de revelações misteriosas, em lugar da pureza racional atribuída, no passado, ao classicismo. Insistindo na veracidade dos sentimentos expressos no poema, a composição torna-se um vetor de sua manifestação autêntica e estimula mudanças em relação aos modos.

Em Maluf a aparição de um demônio de feições horrendas, que, segundo crenças árabes antigas, era destinado a todo poeta, determina a gênese do poema. Levando embora o autor, grudado em suas costas, “acompanhando os movimentos em seu impulso irresistível”, o monstro se dirige para a terra esquecida de Abqar, morada de seus semelhantes, governada por uma vidente, como também se vislumbra neste excerto de uma nova tradução portuguesa de Michel Sleiman (SISMONDINI, 2017, p. 52-53).

Abqar, enigma do oculto, só abasta a sombra a seus amos.
 Adianta-te, pois, sacode-lhe o espelho, rasga-lhe o manto de trevas.

Verás, logo à porta, demos a colmarem-te os olhos
 e serpes a escoarem-te da boca como se das profundezas,

e os ogros, que nas grutas subtraem-te a escuta com seus urros,
 a massa de feras, eu entre elas... tu te fartas em suas selvas

como os ramos da amoreira te esfolam os flancos suas caudas
 e teus danos do passado se mostram e descobrem-lhe os caninos ao teu rosto.

Ei-los, reúne-os agora o tempo
 que passou e os jogou no teu peito.

Lendo os poemas que compõem a obra, percebe-se a importância atribuída ao mito, por meio do qual são expressos os valores que fecundam a vida de cada indivíduo, na plenitude das alegrias e dos problemas. O III canto evoca o Líbano, apresentado com saudade pungente na tradução francesa do poema:

Derrière l'horizon Est ma patrie
Douce et hospitalière
Chaque être dans son pays
A sa dignité, sa valeur
Alors qu'ailleurs Il se sent perdu (MALUF, 1973, p. 21).

No mesmo poema, uma fada lamenta seu estado e chora por uma existência terrena nunca vivida:

Malheur à moi !
Qui pourra assouvir ma passion ?
Faut-il que tout esprit
Echappe à mes mains
Et fuie mes lèvres
Dès que je tente
De l'embrasser ?
Vouée à l'isolement,
Condamnée à la solitude,
Je n'embrasse que le néant
Et n'étreins que le vide [...]
Là-bas l'amour est partout :
Dans l'air et la forêt,
La montagne et la plaine,
L'océan et ses sirènes.
Là-bas les êtres sont faits de chair.
Ils ne courent pas comme nous
Après les amours impossibles.
Nous sommes, nous autres, les filles de l'ombre (MALUF, 1973, p. 26).

Uma fada que quer abandonar seu espírito incorruptível e transformá-lo em carne, sujeita aos desejos e às dores da vida mortal, lamentando-se pelo que nunca foi, sofre (em alemão, *sich klagen*) por causa de uma experiência que nunca teve, na forma de uma Lamentação (em alemão, *Klage*), um tema aproveitado por Rainer Maria Rilke influenciado pela Egíptologia na “X Elegia de Duino”.

Mas onde vivem, no vale, uma das mais velhas Lamentações dá atenção ao jovem, quando ele faz perguntas: nós, as Lamentações, éramos outrora, diz ela, de uma grande estirpe.

Os nossos pais, mineiros naquela montanha grande; entre os humanos encontra por vezes um bocado polido da dor original ou cólera petrificada em escórias de um velho vulcão.

Sim, tudo daí provém. Outrora éramos ricas. (RILKE, 2002, p. 109).

Em Abqar, aquela que comanda exércitos do além almeja a efêmera vida mortal.

A visão, “numa revoada”, do vale perdido com sua população fantástica pode ser inscrita no imaginário oriental, sem que se esqueça, porém, a “fantástica realidade” que corresponde ao território interno brasileiro, com seus espaços florestais imensos, onde a natureza forma estruturas megalíticas semelhantes a fortalezas:

Nous survolâmes les hautes murailles où perchait le vertige.
 Bâtisses majestueuses qui couvraient la terre et dissimulaient l’azur.
 Les diables y pullulaient,
 Tels des fourmis
 Faisant la navette
 Entre les tours innombrables.
 Des légions de djinns-pygénées
 Campaient sur les collines,
 Formant une armée stupéfiante.
 Ils enfourchaient pour l’attaque
 Les montures les plus étranges :
 Gerboises, autruches, coqs et lézards.
 Cavaliers fantastiques, les engins
 Qu’ils lançaient atteignant le cœur
 Des refuges les mieux cachés.
 Leurs javelots étaient faits
 Des piquants des hérissons,
 Et les carapaces des tortues
 Leur servaient de boucliers (MALUF, 1973, p. 10).

A evocação de personagens pertencentes à mitologia pan-arabista leva o leitor a conhecer demônios, djinn, lugares e animais misteriosos. Aproximar o sobrenatural do cosmos é inerente ao espírito humano e, com efeito, seja no texto de Rilke seja naquele de Maluf, aparecem alusões à cosmologia de culturas orientais.

E mais alto, as estrelas. Novas.
 As estrelas do País da Dor. Lentamente, a Lamentação nomeia-as: — Olha, olha: o Cavaleiro, o Bastão e a constelação mais cheia a que chamam Coroa-de-Frutos.
 Depois, mais além, perto do polo: Berço; Caminho;
 O Livro Ardente; Boneca; Janela.
 Mas no céu do Sul, puro como no interior

de uma mão abençoada, o <M> que brilha tão claro,
e que significa as Mães... (RILKE, 2002, p.111).

Maluf recupera o culto dos astros planetários e das estrelas, anterior ao Islã, citando a lenda das duas estrelas Sírio, uma síria, a outra iemenita, que Canopo pediu em casamento. A luz de Vênus é, porém, o olho de Anahid, uma prostituta redimida, elevada ao céu e transformada em entidade celestial.

Ce fut alors qu'un char de feu
S'éleva de la terre jusqu'aux cieux
Emportant l'âme sanctifiée
De la bacchante émerveillée
Pour en faire la sœur des astres
Et récompenser son amour entier.
Ainsi apparut l'Étoile du Berger
Et depuis, du haut du firmament,
L'œil d'Anahid veille sur les amants (MALUF, 1973. p. 103).

Como pudemos constatar, Rilke não busca uma chave exotérica na religião funerária egípcia, mas utiliza imagens egípcias como símbolos aptos a descrever o percurso de metamorfoses do visível ao invisível de um jovem recentemente falecido, cuja consciência é apresentada pelas elegias. O Egito de Rilke é o país da morte, reino das Lamentações, visão consolidada pelas imagens presentes na mente de um leigo, que, daquela civilização, lembra os túmulos majestosos dos faraós, as múmias e os rituais fúnebres, em lugar de outras manifestações da vida. A uma aproximação superficial que considera o Egito a terra dos mortos segue outra que considera a terra das Lamentações uma terra do Passado, daquilo que, na nossa existência, já se tornou invisível, ou seja, a terra da morte. A retomada do Oriente, em Rilke, substitui um mundo helênico cuja simbologia é considerada inadequada para a expressão do espírito da própria poesia.

Seguindo um caminho semelhante, Maluf torna-se um poeta oriental quando comparado com os aspectos exóticos da pátria de adoção, com suas imensas manifestações naturais e as gigantescas transformações de suas metrópoles, ao passo que a retomada de aspectos primordiais de sua cultura parece aproximá-lo do ciclo da vida, porque as paixões humanas estão representadas mediante a evocação de divindades icásticas: existe vida na concupiscência, na violência dos demônios, na sensualidade das meretrizes, no amor daquela que se transforma em estrela.

A ação renovadora do poema Abqar consiste em abandonar as fórmulas estilísticas estabelecidas por séculos de poesia codificada no Oriente Próximo. A ruptura, do ponto de vista temático, acontece nessa viagem de volta ao passado, em busca daquilo que a cultura árabe pode oferecer de mais arcaico. A enumeração dos demônios e dos gênios, representantes das presenças sobrenaturais pré-islâmicas, possui a mesma capacidade de ruptura de Rilke egíptólogo.

Referências

- AKMIR, A. (coord.). *Los árabes en América Latina: História de uma emigración*. Madrid: SigloXXI: Casa Árabe, 2009.
- AMADO, J. *A descoberta da América pelos Turcos*. Mem Martins: Europa-América, 1994.
- GATTAZ, A. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. 2. ed. Salvador: Editora Pontocom, 2012.
- HABCHI, S. *Les fils d'Orphée du Mont Liban aux Amériques*. Paris: J. Maisonneuve, 2004.
- JESI, F. *Letteratura e mito*. Torino: Einaudi, 1968.
- KHATLAB, R. *Mahjar: saga libanesa no Brasil*. Zalka, Líbano: Mokhtarat, 2002.
- MAALOUF, A. *Origines*. Paris: Grasset, 2004.
- MALUF, C. *Abkar: poème mytologique*. Tradução de Maurice Sacre. Beyrouth: Impr. Catholique, 1973.
- MIGUEL, S. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- MOLL, N. *L'infinito sotto casa: letteratura e transculturalità nell'Italia contemporanea*. Bologna: Pàtron Editore, 2015.
- NUNES, E. P. *A imigração árabe em Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 2000.
- PESSOA, F. *Mensagem*. 7. ed. Lisboa: Ática, 1978.
- RILKE, R. M. *As elegias de Duino*. Tradução de Maria Teresa Dias Furtado. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- SISMONDINI, A. *Arabia brasilica*. Cotia, SP: Ateliê, 2017.